

MARÇAL DE SOUZA TUPÃ-Y
(24/12/1920 – 25/11/1983)

- Marçal de Souza, guarani ñandeva, recebeu o nome Tupã-y (pequeno Deus).
- Nasceu em 24 de dezembro de 1920, na região de Ponta Porã, num lugarejo chamado Rincão do Júlio.
- Aos três anos de idade sua família mudou-se para a aldeia Tey Kuê, em Caarapó, onde viveu até os sete anos.
- Da aldeia Tey Kuê, sua família mudou-se para a Reserva Indígena de Dourados, área do Jaguapiru. Depois de algum tempo regressou a Tey Kuê, mas, picado de cobra, Marçal necessitou de cuidados médicos, por isso acabou permanecendo na Missão Caiuá, onde foi acolhido por um casal de missionários e tratado no ambulatório da própria Missão. (Tetila, 1994, p.13-14).
- Aos oito anos passou a morar na chamada Nhanderoga, permanecendo na Missão Caiuá. Com cerca de doze anos Marçal vai para Campo Grande com um casal de religiosos. Depois foi acolhido pela família de um oficial do Exército, capitão Alípio B. C. de Castilho e mudou-se para Recife – PE.
- Após retornar a Dourados, Marçal retoma o convívio com a aldeia e da Missão Caiuá e, revelando aptidão para a vida missionária foi enviado para Minas Gerais, onde, na cidade de Patrocínio, concluiu um curso de três anos sobre liderança cristã. (Tetila, 1994, p.15).

“De volta a Dourados, Marçal, de fato, assume a condição de missionário e na aldeia desempenha tarefas como as de professor de crianças órfãs (nhanderoga), intérprete, pregador do Evangelho, além de participar das atividades de animação da comunidade a que pertencia, principalmente aquelas voltadas para a música. Marçal cantava, era organista e chegou a gravar um disco. As campanhas de auxílio à Missão Caiuá demandavam-lhe frequentes viagens a São Paulo e Rio de Janeiro. A par dessas viagens foi ainda recepcionista e atendente de enfermagem do hospital ‘Porta da Esperança’, pertencente à Missão, desde os tempos em que o mesmo não passava de simples ambulatório médico. A enfermagem, porém, foi a profissão que Marçal aprendeu tanto na prática como na teoria, tendo-a exercido até o fim de sua vida” (Tetila, 1994, p.17).

“[...] a projeção de Marçal e seu reconhecimento como grande defensor da causa indígena iria acontecer só no final de sua vida, como decorrência de plena maturidade intelectual a que conseguiu atingir” (Tetila, 1994, p. 20).

- Por trinta anos Marçal viveu a fé cristã.

Como missionário era muito útil às obras da Missão a que pertencia, mas isso não fazia descuidar-se de seu lado índio, pois desde jovem Marçal aprendeu não só a orgulhar-se de sua identidade, mas também a encarar de frente a realidade legada a seu povo, exteriorizando-a sempre que tinha oportunidade” (Tetila, 1994, p.22).

- Em 1963 Marçal foi eleito para assumir integralmente as funções de capitão do Posto Indígena da reserva de Dourados, cargo ligado à Funai, o qual ocupou até 1987” (Tetila, 1994, p.24).

“Enquanto capitães anteriores proibiam festas indígenas no interior da aldeia, Marçal, pelo contrário, as incentivava. Opunha-se às festas populares – de brancos – por descaracterizarem a cultura de seu povo. E coerente com a sua maneira de administrar, passou a estimular e frequentar as rezas, as chichas, as danças, os cantos, os rituais para a cura dos doentes” (Tetila, 1994, p.24-25).

- “Em 1972 foi contratado como enfermeiro da Funai” (Tetila, 1994, p.25).

E mesmo quando não é mais capitão, permanece conselheiro. Continua cacique (Tetila, 1994, p.25).

Ao deixar o capitanoato, e apegando-se cada vez mais as suas raízes, uma distância foi sendo estabelecida entre Marçal e a igreja evangélica a que pertencia. Pouco tempo depois Marçal já não era mais presbítero e não pertencia mais à Missão Caiuá, a qual serviu por trinta anos ininterruptos” (Tetila, 1994, p.25).

- No início dos anos setenta, Marçal, de fato, já havia retornado à prática da religião indígena.

A partir daí esforça-se para empreender não propriamente o processo de volta as origens, de onde jamais se afastou totalmente, mas para consolidar ainda mais a sua identidade étnica. Enquanto líder Marçal continua acompanhando de perto toda a movimentação de sua área indígena; continua sendo o interlocutor entre sua comunidade e a sociedade branca envolvente; continua ouvindo as queixas de seus patrícios (kaiowá, guarani e terena) que quase sempre diziam respeito aos desmandos da Funai – e, conforme a gravidade, as denunciava à imprensa (Tetila, 1994, p.26).

- Em virtude de seu posicionamento, Marçal e sua família sofreram agressões e violências variadas. É forçado a se mudar da área indígena de Dourados, retoma a Tey Kuê, em Caarapó, onde atuaria como enfermeiro.
- Marçal aproxima-se do CIMI, Conselho Indígena Missionário (Tetila, 1994, p.29).
- No final dos anos 1970, suas viagens pelo Brasil foram constantes, tornando-se um líder indígena nacional. Em 1977, participou da 8ª Assembleia de Chefes Indígenas nas Ruínas de São Miguel – RS. Em março de 1978, participou do filme “Terra dos Índios”. (Tetila, 1994, p. 31 e 32).
- Em 1978, é transferido pela Funai. Como atendente de enfermagem, para a aldeia Mbarakaju, comunidade composta por índios guarani-kaiowá, junto ao povoado de Campestre, distrito de Antônio João. (Tetila, 1994, p. 32).

Ao chegar em Campestre, Marçal só tinha mesmo é que indignar-se diante da situação de fome e miséria daqueles seus patrícios, principalmente pela falta de terra, pois daquela região, considerada sagrada pela Nação Guarani – é exatamente lá onde se encontra o cerro de Marangatu, tido por ela como o centro do Universo -, que outrora foi intensamente ocupada por estes índios, nada mais lhe resta. Hoje podem ser vistos confinados em menos de três hectares de terra, por sinal emprestados pela prefeitura de Antônio João, sem água, sem absolutamente nada [...] por isso, Marçal chegou a reivindicar ao INCRA cerca de 200 hectares de terra para os Guarani do Campestre, mas não recebeu nenhum apoio da Funai. Pediu também um chefe de posto, a fim de amenizar a pressão de fazendeiros sobre a referida comunidade, no que também não foi atendido (Tetila, 1994, p.33).

- Em abril de 1980, participou em Campo Grande do 1º Seminário sul-mato-grossense de estudos indigenistas (Tetila, 1994, p.34).

Esse seminário foi de uma importância histórica para o movimento indígena brasileiro [...] nesse seminário aconteceram articulações imprescindíveis para a criação da União das Nações Indígenas (UNI), vinculada ao Conselho Indígena Sudamericano (CISA) e ao Conselho Mundial dos Povos Indígenas da ONU. (Tetila, 1994, p. 35).

- Julho de 1980, em Brasília, participou da 14ª Assembleia Indígena;
- Julho de 1980, em Manaus, na cerimônia de despedida a visita do Papa João Paulo II, Marçal foi escolhido para falar em nome de toda a comunidade indígena brasileira (Tetila, 1994, p. 39).
- Em 1982, Marçal foi indicado para representar a comunidade indígena brasileira em Conferência na ONU, nos Estados Unidos, para tratar da exploração mineral em territórios indígenas do mundo todo (Tetila, 1994, p. 41).

- Foi na área indígena de Piracua que mais uma investida contra a terra indígena necessitou da presença de Marçal. A defesa dessa área foi a sua verdadeira luta.
- Piracua está localizada no município de Bela Vista, margem esquerda do Rio Apa, limite norte do antigo e tradicional território Guarani (Ñande Retã). Esta área, que é o berço de várias gerações de índios guarani-kaiowá, permaneceu desconhecida da Funai até os anos 1970. Marçal pediu ajuda ao CIMI. (Tetila, 1994, p.44). Acontece que aquela comunidade estava atravessando um momento difícil, pois o fazendeiro vizinho, dono da fazenda Serra Brava, Astúrio Monteiro de Lima (já falecido) e seu filho Líbero Monteiro, consideravam Piracua parte integrante de sua propriedade (Tetila, 1994, p.45).
- As pressões sobre Piracua, a partir dos anos 1980 foram crescentes. (Tetila, 1994, p.47). Diante das circunstâncias a Funai chegou prometer demarcar Piracua (Tetila, 1994, p.48). Marçal escreve a Antônio Brand denunciando violências sofridas. Monteiro fez denúncia a PF por suposta invasão de sua propriedade (Tetila, 1994, p.48). Marçal é proibido de visitar sua família. Marçal começa a ser ameaçado de morte (Tetila, 1994, p.49). Marçal havia pedido transferência para Piracua (Tetila, 1994, p.49). Em setembro de 1983, faz denúncias na Associação Brasileira de Imprensa no Rio de Janeiro.
- Em 25 de novembro de 1983 é assassinado na aldeia Campestre, município de Antônio João (Tetila, 1994, p.51).

Referências bibliográficas:

Coleção Marçal de Souza. CDR/UFGRD. Disponível em < <https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/CDR/Cole%C3%A7%C3%A3o%20Mar%C3%A7al%20de%20Souza.pdf> >

MOTA, Juliana Grasiéli Bueno; CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira (Orgs.) *Reserva Indígena de Dourados: Histórias e Desafios Contemporâneos*. Ebook, São Leopoldo: Karywa, 2019. Disponível em < <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/prov0103.pdf> >

PRADO, J. H., & AGUILERA Urquiza, A. H. (2017). “Temos o dever sagrado de defender o que é nosso”: a trajetória e a luta política de Marçal de Souza Tupã'i. *Movimentação*, 4(06), 125–143. Disponível em: < <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/movimentacao/article/view/7639> >

PREZIA, Benedito. *Marçal Guarani: a voz que não pode ser esquecida*. São Paulo: Expressão Popular, 2006. Disponível em < <https://osbrasisesuasmemorias.com.br/wp-content/uploads/2018/07/Marcal.pdf> >

TETILA, José L. C. *Marçal de Souza Tupã I: um guarani que não se cala*. Campo Grande: UFMS, 1994.

Notícias de jornal:

Casa de Reza erguida em memória de Marçal de Souza é queimada na aldeia Kunumi Verá em Caarapó. Disponível em < <https://cimi.org.br/2024/02/queima-casa-de-reza-marcal/#:~:text=No%20dia%20de%20fevereiro,destru%C3%ADdas%20nos%20%C3%BAltimos%20anos> > Acesso em 16 de março de 2024.

Em conjunto com família de Marçal de Souza, MPF requer anistia política do líder indígena, assassinado há 40 anos. Disponível em < <https://www.mpf.mp.br/ms/sala-de-imprensa/noticias-ms/em-conjunto-com-familia-de-marcal-de-souza-mpf-requer-anistia-politica-do-lider-indigena-assassinado-ha-40-anos> > Acesso em 16 de março de 2024.

Marçal de Souza Tupã'i: pioneiro do movimento indígena no Brasil completaria 103 anos neste domingo (24). Aos 40 anos de seu assassinato, a família de Marçal encaminha pedido de reparação ao Estado brasileiro. Gabriela Moncau. Brasil de Fato | São Paulo

(SP) | 24 de dezembro de 2023 às 09:14 Disponível em < <https://www.brasildefato.com.br/2023/12/24/marcal-de-souza-tupa-i-pioneiro-do-movimento-indigena-no-brasil-completaria-103-anos-neste-domingo-24> >

Quarenta anos depois de assassinado, Marçal Tupã'i ainda inspira luta Guarani e Kaiowá. Disponível em < <https://cimi.org.br/2024/02/quarenta-anos-depois-de-assassinado-marcal-tupai-ainda-inspira-luta-guarani-e-kaiowa/?swcfpc=1> > Acesso em

16 de março de 2024.



Créditos das imagens < <https://www.portaldasmissoes.com.br/site/view/id/1625/marcal-de-souza,-tupa-i.-o-deus-pequeno.html> >



Marçal, presente: memória dos 40 anos do assassinato de Marçal de Souza Tupã'i. Fotos: Tiago Miotto/Cimi. 07/02/2024. Disponível em < <https://cimi.org.br/2024/02/quarenta-anos-depois-de-assassinado-marcal-tupai-ainda-inspira-luta-guarani-e-kaiowa/?swcfpc=1> > “Como explica Édina, a antiga residência onde ela viveu com seu pai e o resto de sua família já não é mais a mesma. Além do local na aldeia Jaguapiru, Reserva Indígena de Dourados, das fotos – e, agora, do marco de madeira com uma placa homenageando Marçal –, o principal símbolo de sua presença no local é uma enorme figueira, plantada por ele”.